

DIAGNÓSTICO FAUNÍSTICO DA PORÇÃO TERRESTRE

Erica Naomi Saito¹
Tobias Saraiva Kunz²
Maurício Eduardo Graipel³
Jorge José Cherem⁴

1. Apresentação

Este documento apresenta uma avaliação da fauna de vertebrados terrestres com base em dados secundários para a elaboração do Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca. Este diagnóstico abrange a avaliação de aspectos de conservação de vertebrados presentes e/ou de provável ocorrência na UC, incluindo anfíbios, répteis e mamíferos.

Para cada grupo faunístico são avaliadas as espécies raras, migratórias, bioindicadoras, ameaçadas de extinção, cinegéticas e exóticas, incluindo as principais recomendações temáticas de pesquisa relacionadas aos grupos em questão.

Ao final deste diagnóstico encontram-se as listas de espécies dos diferentes grupos faunísticos considerados (anexos).

2. Introdução

Paisagens alteradas pela ação do ser humano são hoje uma realidade, o que exige esforços para que se conheça a forma como as diversas atividades humanas têm afetado a distribuição e abundância dos seres vivos (CHIARELLO, 2000a), e se possa elaborar formas mitigatórias destes impactos, de modo a proporcionar a conservação da biodiversidade biológica, tanto quanto possível, em tais ambientes antrópicos. Isto, em conjunto com a preservação dos ambientes naturais pouco alterados, permitiria a conservação da vida silvestre em áreas mais amplas e de forma mais efetiva (GARAY e DIAS, 2001; MECH, 1996).

Neste sentido, as Unidades de Conservação constituem um importante instrumento de proteção da biodiversidade brasileira e dos processos naturais e serviços ambientais associados. No entanto, a eficácia de um plano de manejo depende fundamentalmente da criação e da efetiva implementação de seus mecanismos de planejamento e gestão. Os planos de manejo são ferramentas que possibilitam orientar este processo, uma vez que definem a política e as ações a serem tomadas pelos órgãos responsáveis para sua implementação. Ao mesmo tempo, são importantes referências, de caráter técnico e legal, para que a sociedade possa participar, colaborando ativamente no processo para a conservação e uso adequado do patrimônio natural e público que as Unidades de Conservação representam (UFSC, 2013).

Com o objetivo de apresentar os resultados de avaliações e o levantamento faunístico de vertebrados terrestres realizados na Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca, com base em dados secundários, como subsídio à avaliação estratégica e de planejamento do seu

¹ Cooperativa para conservação da Natureza – CAIPORA (Herpetofauna-Anfíbios) – ericansaito@gmail.com;

² CAIPORA (Herpetofauna-Répteis) – tskunz@gmail.com; ³ CAIPORA, Departamento de Ecologia e Zoologia - CCB/UFSC (Mastofauna) – graipel.me@gmail.com; ⁴ CAIPORA (Mastofauna) – jjcherem@gmail.com

Plano de Manejo, foram consideradas como referências as espécies raras, migratórias, bioindicadoras, endêmicas da região ou da Mata Atlântica, ameaçadas de extinção regional e nacionalmente, cinegéticas e exóticas. Complementarmente foram associadas a esses grupos faunísticos ações para mitigar impactos da atividade humana e recomendações de pesquisa que envolva estudos padronizados e de longo prazo.

3. Caracterização da fauna terrestre

3.1 Anfíbios

Os anfíbios são animais que possuem, em sua maioria, o ciclo de vida separado em duas fases distintas: aquática (girinos) e terrestre (adultos). Daí o significado para o nome Anfíbios (Amphi=duas, Bios=vida). Por conta dessa singularidade, a pele é muito delicada e extremamente permeável (RAMOS e GASPARINI, 2004), o que confere a esses animais grande sensibilidade, reagindo rapidamente às mudanças no meio onde vivem (impactos ambientais, presença de poluentes, pesticidas agrícolas, chuva ácida, radiação, etc), sendo, portanto, bioindicadores de qualidade ambiental (DUELLMAN e TRUEB, 1986; BEEBE, 1996).

Os anfíbios são representados pelos anuros (sapos, rãs e pererecas), em menor número pelas cobras-cegas (anfíbios ápodes de hábitos fossoriais) e pelas salamandras, que não ocorrem no sul do Brasil. Atualmente, cerca de 6.700 espécies de anuros foram descritas em todo o mundo (FROST, 2017), sendo que, no Brasil, são reconhecidas 1.039 espécies (SEGALLA et al., 2016). Para o estado de Santa Catarina são conhecidas cerca de 140 espécies de anuros (LUCAS, 2008).

Os anuros possuem grande importância ecológica, uma vez que, na teia alimentar, controlam populações de vários invertebrados (FREITAS e SILVA, 2006), sendo que alguns são insetos parasitas, transmissores de doenças e pragas agrícolas (HADDAD, TOLEDO e PRADO, 2008). Algumas espécies maiores são predadoras, ainda, de pequenos vertebrados. Além disso, os anuros são presas para quase todos os grupos, desde plantas a grandes vertebrados.

A distribuição das espécies de anfíbios anuros nos diferentes ambientes pode estar relacionada com a habilidade das espécies em ocupar locais com composição vegetal em distintos graus de heterogeneidade, proporcionando distintos sítios de vocalização, locais para desova e desenvolvimento larval (CARDOSO, ANDRADE e HADDAD, 1989).

Apesar da extrema importância desses animais, suas populações vêm declinando: a partir de 1980, um número cada vez maior de estudos vem registrando o declínio populacional em anuros, documentando também a preocupação pelo futuro dessas espécies (SILVANO e SEGALLA, 2005). As principais causas são a modificação e destruição de habitat, introdução de espécies exóticas, poluição e a transmissão de doenças (COLLINS e STORFER, 2003), sendo a mais conhecida e estudada, a infestação pelo fungo *Batrachochytridium dendrobatidis* (CARNAVAL et al., 2006). Dessa forma, os declínios populacionais tem se tornado tão dramáticos ao ponto que, atualmente, os anfíbios são considerados um dos

grupos de vertebrados mais ameaçados de extinção, com 32,5% das espécies globalmente ameaçadas (STUART et al., 2004; YOUNG et al., 2004).

Portanto, a caracterização da fauna é de primordial importância para conhecer a ocorrência e distribuição dos anfíbios e para determinar o estado de conservação de determinada área, sendo, assim, possível estabelecer estratégias de conservação para esse grupo. Com isso, segue abaixo a caracterização da fauna de anfíbios de provável ocorrência na região da APA da Baleia Franca.

3.1.1 Espécies Raras

Em relação aos anfíbios com provável ocorrência na região (Anexo 1), existe uma lacuna de conhecimento acerca da tendência populacional dessas espécies dentro da APA da Baleia Franca e nas proximidades. Dessa forma, não é possível avaliar a raridade das espécies na região.

3.1.2 Espécies Migratórias

Entre os anfíbios não são conhecidas espécies migratórias.

3.1.3 Espécies Bioindicadoras

Os anfíbios são ótimos indicadores de qualidade ambiental. Com base nas espécies de anfíbios que possuem provável ocorrência no litoral sul de Santa Catarina, é possível destacar espécies de hábitos florestais ou com alta qualidade ambiental, como: *Bokermannohyla hylax* (perereca-rangedora), *Cycloramphus bolitoglossus* (sapinho-de-riacho), *Fritziana* aff. *fissilis* (perereca-marsupial), *Hylodes perplicatus* (rã-das-cachoeiras), *Ololygon catharinae* (perereca) e *Vitreorana uranoscopa* (perereca-de-vidro). Por outro lado, algumas espécies são consideradas indicadoras de ambientes abertos ou com baixa qualidade ambiental, como por exemplo: *Boana bischoffi* (perereca), *Dendropsophus minutus* (pererequinha-do-brejo), *Dendropsophus sanborni* (pererequinha-do-brejo), *Leptodactylus latrans* (rã-manteiga), *Physalaemus cuvieri* (rã-cachorro), *Rhinella icterica* (sapo-cururu), *Scinax fuscovarius* (perereca-de-banheiro) e *Scinax perereca* (perereca-de-banheiro).

3.1.4 Espécies Endêmicas

Entre os anfíbios não são conhecidas espécies endêmicas da APA da Baleia Franca. Porém, dentre os 50 anfíbios levantados como de possível ocorrência no litoral sul de Santa Catarina (Anexo 1), 35 são considerados endêmicos do Bioma Mata Atlântica, representando cerca de 70% da anurofauna da região:

- *Adenomera araucaria* - rãzinha-piadeira;
- *Adenomera engelsi* - rãzinha-piadeira;
- *Aparasphenodon bokermanni* - perereca-de-capacete;
- *Boana albomarginata* - perereca-verde;
- *Boana bischoffi* - perereca-verde;
- *Boana faber* - perereca-martelo;

- *Boana guentheri* - perereca-assobiadora;
- *Boana pulchella* - perereca-do-banhado;
- *Bokermannohyla hylax* - perereca-rangedora;
- *Chiasmocleis leucosticta* - rã-ovalada;
- *Cycloramphus bolitoglossus* - sapinho-de-riacho;
- *Dendropsophus microps* - pererequinha-do-brejo;
- *Dendropsophus minutus* - pererequinha-do-brejo;
- *Dendropsophus sanborni* - pererequinha-do-brejo;
- *Dendropsophus weneri* - pererequinha-do-brejo;
- *Elachistocleis bicolor* - rã-ovalada;
- *Fritziana* aff. *fissilis* - perereca-marsupial;
- *Ischnocnema henselii* - rã-das-folhagens;
- *Ischnocnema manezinho* - rã-do folhiço-da-ilha;
- *Leptodactylus gracilis* - rã-assobiadeira;
- *Leptodactylus latrans* - rã-manteiga;
- *Lithobates catesbeianus* - rã-touro;
- *Ololygon berthae* – perereca;
- *Ololygon catharinae* – perereca;
- *Physalaemus biligonigerus* - rã-chorona;
- *Physalaemus cuvieri* - rã-cachorro;
- *Physalaemus nanus* - rãzinha-chorona;
- *Phyllomedusa distincta* - perereca-das-folhagens;
- *Pseudis minuta* - rã-boiadora;
- *Proceratophrys boiei* - sapo-de-chifres;
- *Scinax fuscovarius* - perereca-de-banheiro;
- *Scinax perereca* - perereca-de-banheiro;
- *Scinax tymbamirim* - perereca-do-brejo;
- *Sphaenorhynchus caramaschii* – perereca;
- *Trachycephalus mesophaeus* - perereca-grudenta.

3.1.5 Espécies Ameaçadas De Extinção

As regiões costeiras compõem um dos ambientes mais ameaçados do Brasil e ao mesmo tempo um dos menos conhecidos com relação à sua biodiversidade (ROCHA et al., 2005). Os impactos sobre a herpetofauna são inúmeros, como alteração, perda e ocupação

desordenada nas restingas e florestas litorâneas (ROCHA et al., 2008) e para a região Sul do Brasil não é diferente (COLOMBO et al., 2008). Os anfíbios têm suas populações reduzidas pela alteração do hábitat e muitas espécies se tornam ameaçadas. Entre os anfíbios levantados como de possível ocorrência para o litoral sul de Santa Catarina, três são considerados ameaçados de extinção. Segue abaixo essas espécies com o status de conservação segundo a lista nacional (MMA, 2014) e a lista de Santa Catarina da fauna ameaçada (CONSEMA, 2011), bem como os principais fatores de ameaça:

Ischnocnema manezinho - rã-do-folhiço-da-ilha – categorizado como vulnerável na lista nacional e na estadual (MMA, 2014; CONSEMA, 2011)

- Perda de hábitat devido ao deflorestamento

Melanophryniscus dorsalis - sapinho-de-barriga-vermelha - categorizado como vulnerável na lista nacional e em perigo na estadual (MMA, 2014; CONSEMA, 2011)

- Perda de hábitat
- Degradação ambiental devido à conversão do seu hábitat para ambientes urbanizados, turismo de praias e uso recreacional de veículos *off-road*.
- Atropelamentos
- Descaracterização ambiental devido à presença de resíduos sólidos e espécies da flora exóticas invasoras
- Caça

Vitreorana uranoscopa - perereca-de-vidro - categorizado como vulnerável na lista estadual (MMA, 2014; CONSEMA, 2011)

- Perda de hábitat devido à urbanização, turismo e construção de barragens.

Dentre essas espécies de anuros ameaçadas, apenas *Melanophryniscus dorsalis* (sapinho-de-barriga-vermelha) foi registrado dentro dos limites da APA da Baleia Franca. Ressalta-se que *M. dorsalis* é considerado em perigo na lista das espécies ameaçadas de Santa Catarina (CONSEMA, 2011) e vulnerável no Brasil e mundo (MMA, 2014; IUCN, 2017), sendo contemplado pelo Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Anfíbios e Répteis Ameaçados da Região Sul do Brasil – PAN Sul. Esse sapinho, endêmico do sul do Brasil, possui populações restritas a solos arenosos da planície litorânea entre Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e apresenta maior atividade no fim da tarde e início da noite e se reproduz após fortes chuvas, em ambientes temporários, apresentando reprodução explosiva, conforme as demais espécies do gênero. Na região costeira da APA da Baleia Franca, os sapinhos-de-barriga-vermelha vivem em locais vulneráveis às margens de rodovias e em ambientes de dunas móveis e fixas, onde há grande pressão imobiliária, pisoteamento por pedestres e atropelamento por motos e carros. Além disso, a presença de entulhos e de espécies exóticas, em especial *Pinus* spp. e *Casuarina* spp., acarretam na redução e fragmentação dos hábitats de áreas naturais da região. Com isso, a descaracterização do ambiente de ocorrência dessa espécie ocasiona o declínio populacional na região. Outra ameaça considerável é a utilização dos sapinhos-de-barriga-vermelha como isca para pesca (Ofício RAN/ICMBIO.02071.000113/2017-53).

3.1.6 Espécies Cinegéticas

Indivíduos da espécie *Leptodactylus latrans* (rã-manteiga) eram frequentemente caçados para consumo, uma vez que podem alcançar grande porte, de 9 a 12cm de comprimento (ACHAVAL e OLMOS, 2003) com quantidade de carne razoável. Apesar de ser considerada alvo de caça, a população se encontra estável (HEYER et al., 2010), sendo uma espécie amplamente distribuída em diversos ambientes na América do Sul a leste dos Andes, da Colômbia e sul da Venezuela até o sul do Brasil, Uruguai e região oriental do Paraguai e Argentina (KWET, LINGNAU e DI-BERNARDO, 2010).

Além dessa espécie, existem registros de que *Melanophryniscus dorsalis* (sapinho-de-barriga-vermelha) é caçado para ser utilizado como isca de pesca. Esse hábito deve ser melhor investigado na região da APA da Baleia Franca, já que a espécie é considerada em perigo na lista das espécies ameaçadas de Santa Catarina (CONSEMA, 2011) e vulnerável no Brasil e mundo (MMA, 2014; IUCN, 2017).

3.1.7 Espécies Exóticas

A rã-touro, *Lithobates catesbeianus*, originária da América do Norte, foi introduzida no Brasil para cultivo, uma vez que esta espécie é de fácil criação, possui crescimento precoce e resistência a enfermidades. No entanto, devido às falhas estruturais e metodológicas em ranários, houve o escape dessas rãs, que foi o responsável pela introdução da rã-touro em ambientes naturais (principalmente na região sul do Brasil) que se expandiu para toda a Mata Atlântica (HÓRUS, 2017). Sua massa varia de 60 a 900g, o comprimento rostro-cloacal (CRC) alcança cerca de 200mm nas fêmeas e 180mm nos machos (HÓRUS, 2017). Normalmente, são encontradas na água, em ambientes como lagos, rios e pântanos, todavia, lugares com águas rasas são seus ambientes preferidos (BRUENING, 2002), apesar disso, é capaz de fazer longas viagens por terra, o que lhe confere a capacidade de recolonizar novos ambientes (RODRÍGUEZ e LINARES, 2001). Quanto aos hábitos alimentares, os girinos, em sua maioria, alimentam-se de plantas aquáticas; os adultos, por sua vez, são predadores e generalistas, ingerindo cobras, outros anfíbios, insetos, crustáceos, peixes, ovos e, algumas vezes, podem praticar o canibalismo (BRUENING, 2002). A alta flexibilidade adaptativa tem garantido o estabelecimento da espécie em diversas regiões do Brasil (CUNHA e DELARIVA, 2009), principalmente na Mata Atlântica, que possui condições climáticas favoráveis para o estabelecimento de populações de rã-touro (GIOVANELLI et al., 2008). Além disso, a espécie é oportunista, pois é capaz de habitar ambientes degradados (RODRÍGUEZ e LINARES, 2001).

A introdução de rã-touro causa alterações na estabilidade do ecossistema, visto que esta espécie atua predando e competindo com espécies nativas, assim como disseminando doenças, como a quitridiomiose, infecção gerada pelo fungo *Batrachochytridium dendrobatidis*, a qual é responsável pelo declínio de populações de diversos anfíbios (CUNHA e DELARIVA, 2009). Segundo o Instituto Hórus de Desenvolvimento e Conservação Ambiental (2017), esta espécie exótica representa um risco muito alto para a conservação da biodiversidade local. Em seu estudo, BOELTER (2004) observou o potencial da predação da rã-touro sobre a anurofauna nativa, uma vez que esta, na região de estudo, predou nove das 24 espécies existentes e conclui que é urgente um plano de controle da rã-touro para proteger a anurofauna nativa e evitar ocupações em ambientes naturais. Além disso, o alto sucesso reprodutivo da rã-touro pode causar uma dominância dessa espécie nos ambientes onde ocorre. Contudo, ainda não existem registros dessa espécie impactando a área costeira

da APA da Baleia Franca, mas sim nos arredores da Unidade de Conservação. Dessa forma, ressalta-se a importância de conhecer a distribuição da rã-touro na região como medida de prevenção e controle dos possíveis impactos ecológicos da rã-touro, espécie exótica e invasora (CUNHA e DELARIVA, 2009).

3.2 RÉPTEIS

Os répteis encontram-se distribuídos por quase todo o globo, desde desertos até o círculo polar ártico, estando ausentes apenas na Antártida e em algumas ilhas como a Groenlândia. Atualmente existem mais de 9.800 espécies de répteis descritos, distribuídos em quatro ordens: Chelonia (tartarugas), Squamata (cobras, lagartos e cobras-cegas), Crocodylia (crocodilos) e Rhynchocephalia (tuataras), sendo os Squamata o grupo mais diversificado, com mais de 9.400 espécies (FAPAS, 2001; UETZ, 2013).

Entre os países com maior diversidade de répteis, o Brasil ocupa a segunda posição, com 744 espécies descritas atualmente (BÉRNILS e COSTA, 2012), e levantamentos em áreas ainda pouco estudadas vêm revelando a existência de espécies ainda por descrever. Apesar do aumento de estudos herpetofaunísticos nos últimos anos, a maioria das regiões brasileiras ainda não conta com conhecimentos satisfatórios, não sendo diferente em Santa Catarina. Em particular, a porção mais austral da Mata Atlântica, nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, continua extremamente mal amostrada, como demonstram trabalhos recentes que evidenciaram a presença de espécies no litoral catarinense até então conhecidas apenas para o Pampa ou para os campos do planalto sul brasileiro (GHIZONI-Jr et al., 2009; KUNZ, GHIZONI-JR e GIASSON, 2011), bem como a presença de espécies ainda em processo de descrição formal (*Ophiodes* sp.; Borges-Martins, com. pess.) e outras com problemas taxonômicos envolvidos (*Thamnodynastes* cf. *nattereri*).

Os répteis, além de sua importância ecológica intrínseca, são excelentes indicadores ambientais, já que necessitam de um ecossistema equilibrado (associação entre meio biótico e abiótico) para manterem sua diversidade. Apesar disso, costumam receber menos atenção que os demais vertebrados na elaboração de estratégias de conservação (BÉRNILS, MOURA-LEITE e MORATO, 2004), sendo a destruição de habitats considerada como a principal ameaça ao grupo (DI-BERNARDO, BORGES-MARTINS e OLIVEIRA 2003). No entanto, são raros os estudos relacionados à conservação de répteis.

3.2.1 Espécies Raras

Entre os répteis conhecidos ou listados como de possível ocorrência na APA da Baleia Franca (Anexo 2), nenhum possui dados populacionais para uma avaliação adequada.

3.2.2 Espécies Migratórias

Entre os répteis terrestres não são conhecidas espécies migratórias.

3.2.3 Espécies Bioindicadoras

As restingas do litoral sul de Santa Catarina abrigam uma fauna muito diferenciada em relação ao restante do litoral catarinense. Nestas áreas, a fauna típica da Mata Atlântica

cede espaço para uma fauna de répteis típicos de ambientes campestres, compartilhada com as áreas de pampa e/ou com os campos limpos do planalto sul brasileiro, embora as espécies típicas da Mata Atlântica também ocorram, na maioria das vezes restritas aos costões florestados e às restingas arbóreas (GHIZONI-JR et al., 2009; KUNZ, GHIZONI-JR e GIASSON, 2011). Muitas destas espécies de áreas abertas são de hábitos extremamente especializados, como os lagartos *Liolaemus occipitalis* e *Contomastix lacertoides*. O primeiro habita exclusivamente áreas de dunas com vegetação herbácea e arbustiva esparsa, enquanto o segundo prefere áreas de dunas já fixadas, com vegetação arbustiva um pouco mais desenvolvida. Ambas as espécies são intolerantes a alterações ambientais antrópicas, sendo indicadoras de restingas bem conservadas.

3.2.4 Espécies Endêmicas

Recentemente o lagarto *Tropidurus imbituba* foi descrito em uma única localidade, o Morro do Farol, situado entre o Porto de Imbituba e os limites da APA da Baleia Franca (KUNZ e BORGES-MARTINS, 2013). Esse é um caso de extremo microendemismo, sendo que toda a distribuição da espécie está inserida dentro dos limites da APA e nos arredores. A lagartixa-das-dunas (*Liolaemus occipitalis*) é endêmica da faixa de dunas litorâneas entre a Ilha de Santa Catarina e o litoral norte uruguaio. Outras 27 espécies (cerca de 40% das listadas como de possível ocorrência) são endêmicas da Mata Atlântica.

3.2.5 Espécies Ameaçadas De Extinção

Entre as espécies ameaçadas de extinção, regional ou nacionalmente, são distintas as condições que possivelmente as tornam ameaçadas de desaparecimento ao longo da APA da Baleia Franca. No entanto, com exceção do cágado-rajado (*Phrynops williamsi*) cuja principal ameaça é relacionada à transformação do ambiente lótico para lêntico pela formação de reservatórios para usinas hidrelétricas, ameaça esta concentrada nas cabeceiras dos rios da bacia do rio Tubarão, podem se associar as principais ameaças sobre estas espécies à expansão urbana e conseqüente redução de habitat e qualidade dos remanescentes.

Phrynops williamsi

- transformação de ambientes lóticos para lênticos pela formação de reservatórios para usinas hidrelétricas,
- a poluição de ambientes lóticos,
- o assoreamento de ambientes lóticos,
- a retificação de ambientes lóticos.

Liolaemus occipitalis

- a expansão urbana sobre áreas de dunas e restingas.

Contomastix lacertoides

- a expansão urbana sobre áreas de dunas e restingas.

Caaeteboia amarali

- a fragmentação florestal e expansão urbana especialmente sobre os remanescente de florestas de planícies.

Clelia plumbea

- a fragmentação florestal e expansão urbana especialmente sobre os remanescente de florestas de planícies.

Sordellina punctata

- a drenagem de banhados,
- aterros de áreas úmidas,
- fragmentação florestal e expansão urbana sobre florestas de planície, em especial sobre as matas paludosas.

Tropidurus imbituba

- área de ocorrência extremamente reduzida
- turismo
- descaracterização ambiental devido à presença de resíduos sólidos.

Dentre os répteis ameaçados, destaca-se a presença das espécies *Liolaemus occipitalis* (lagartixa-das-dunas) e *Tropidurus imbituba* (lagartinho-de-Imbituba) na APA da Baleia Franca, que são espécies contempladas pelo Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Anfíbios e Répteis Ameaçados da Região Sul do Brasil – PAN Sul.

Liolaemus occipitalis é considerado criticamente em perigo na lista de espécies ameaçadas nacionalmente (MMA, 2014); vulnerável nas listas de espécies ameaçadas de Santa Catarina (CONSEMA, 2011), do Rio Grande do Sul (SEMA, 2014) e na Lista Vermelha da União Internacional para Conservação da Natureza (IUCN, 2017). A lagartixa-das-dunas vive em dunas costeiras existentes no extremo sul do Brasil, no estado do Rio Grande do Sul e no sul de Santa Catarina e na costa do Uruguai, sua coloração se camufla com a areia e possui hábitos diurnos (Ofício RAN/ICMBIO.02071.000113/2017-53).

Tropidurus imbituba (lagartinho-de-Imbituba) foi descrito em 2013 e foi considerado criticamente em perigo na lista de espécies ameaçadas nacionalmente (MMA, 2014). A espécie ocorre no bioma Mata Atlântica, está restrita aos ambientes de costão rochoso no Morro do Farol, situados entre a Praia da Vila e o Porto de Imbituba, no município de Imbituba, litoral sul de Santa Catarina. O morro possui 1200 x 500 m de extensão, alcança 100m acima do nível do mar e é cercado por uma extensa planície arenosa. A maior parte da planície adjacente está atualmente ocupada pela cidade de Imbituba. A vegetação do Morro do Farol é composta principalmente por arbustos e vegetação herbácea, similar à das restingas adjacentes, com muitos afloramentos rochosos e porções de floresta atlântica baixa, sob influência oceânica. A biologia da espécie é desconhecida. Apesar do intenso esforço amostral para o estado de Santa Catarina, incluindo áreas próximas ao morro, a espécie não foi encontrada em nenhuma outra localidade. A principal ameaça à espécie é a alteração do ambiente causada pela intensa circulação de turistas no morro, a qual associada a lixos deixados pelos turistas e proximidade com o porto de Imbituba (poluição) causam declínio continuado na qualidade do hábitat (Ofício RAN/ICMBIO.02071.000113/2017-53).

Além dessas, a espécie de lagarto *Contomastix lacertoides* é categorizada como em perigo na lista de fauna ameaçada de Santa Catarina (CONSEMA, 2011). Representa possivelmente um complexo de espécies, com as populações que ocorrem nas restingas entre o litoral norte do Rio Grande do Sul até a Ilha de Santa Catarina se distinguindo das demais populações conhecidas, na região do Pampa gaúcho, uruguaio e argentino. Há registros desse lagarto na Praia do Sol, ao norte de Laguna e Jaguaruna (GHIZONI-JR et al., 2009).

3.2.6 Espécies Cinegéticas

Entre os répteis, poucas são as espécies alvo de caça. Merece destaque, contudo, o jacaré-do-papo-amarelo (*Caiman latirostris*) que já esteve seriamente ameaçado de extinção devido à caça. Suas populações se encontram atualmente em recuperação, devido à redução significativa da caça sobre esta espécie. Outra espécie que é alvo de caça, sendo apreciada como alimento em algumas regiões, incluindo algumas populações humanas do litoral catarinense é o lagarto teiú (*Salvator merianae*).

3.2.7 Espécies Exóticas

Entre as espécies exóticas de possível ocorrência se destacam a lagartixa-das-casas (*Hemidactylus mabouia*), originária da África e amplamente distribuída e estabelecida na costa atlântica brasileira, e a tartaruga-de-orelhas-vermelhas (*Trachemys scripta*), de origem na América do Norte. Esta espécie é amplamente utilizada como *pet* e considerada invasora em diversos países. No Brasil o status reprodutivo e potencial invasor da espécie ainda são desconhecidos. Uma espécie do mesmo gênero e também amplamente utilizada como *pet* no Brasil, a tigre-d'água (*Trachemys dorbigni*), conhecida para o estado do Rio Grande do Sul, Uruguai e regiões adjacentes da Argentina, foi recentemente relacionada na lista oficial de espécies exóticas invasoras em Santa Catarina (RESOLUÇÃO CONSEMA Nº11, DEZEMBRO DE 2010). Embora a espécie tenha sido introduzida em algumas regiões do Estado, incluindo as restingas da Baixada do Maciambu próximas ao centro de visitantes do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, o status desta espécie no litoral sul de SC deve ser melhor avaliado, já que a distribuição natural da espécie atinge o extremo nordeste do Rio Grande do Sul, na região de Torres, não podendo ser descartada a ocorrência de populações naturais em regiões adjacentes do litoral sul catarinense. O potencial reprodutivo e invasor desta espécie fora de sua área natural de ocorrência também é praticamente desconhecido.

3.3 MAMÍFEROS

Os mamíferos estão presentes e são fundamentais em muitos processos ecológicos. Pequenos mamíferos (roedores e marsupiais) estão na base da cadeia alimentar (GOLLEY PETRUSEWICZ e RYSZKOWSKI, 1975) e, junto com espécies frugívoras e/ou herbívoras de maior porte, como antas, veados, grandes roedores e primatas, desenvolvem um importante papel na manutenção da diversidade de árvores da floresta, dispersando e predando sementes e plântulas (ANDREAZZI, PIRES e FERNANDEZ, 2009). Morcegos também são extremamente importantes, pois atuam na polinização e dispersão de sementes de diversas espécies e no controle de insetos. Já os carnívoros, tanto mesopredadores como predadores de topo, atuam regulando as populações das demais espécies.

O Brasil é um país megadiverso, possuindo o expressivo número de 701 espécies de mamíferos (PAGLIA et al., 2012) e, apesar de a maioria das espécies ter sido descrita nos séculos XVIII e XIX, novas espécies são descobertas à medida que se aprofundam os estudos, não só nas regiões pouco estudadas do norte e nordeste do Brasil, mas também nas regiões melhor conhecidas do sul e sudeste, principalmente em relação a roedores, morcegos e marsupiais (COSTA et al., 2005; REIS et al., 2011).

A Mata Atlântica é o segundo bioma brasileiro em número de espécies de mamíferos (n = 321), sendo aproximadamente 89 endêmicas (GRAIPEL et al., no prelo). Este número é maior que o esperado para a sua área (COSTA et al., 2005), o que mostra a importância deste bioma.

As taxas de destruição da Floresta Atlântica têm sido tão alarmantes que em 1992 esse ecossistema foi considerado uma Reserva da Biosfera e a sua biodiversidade considerada patrimônio global (CHAVES, 1997). Além disso, a Mata Atlântica caracteriza-se como a mais ameaçada de extinção dentre as florestas neotropicais do mundo (REIS, ZAMBONIN e NAKAZONO, 1999).

Originalmente este bioma cobria o território brasileiro com cerca de 100 milhões de hectares, porém atualmente restam apenas 12% desta extensão (RIBEIRO et al., 2009), que correspondem a pequenos fragmentos isolados ou florestas alteradas. Isto, aliado à caça ilegal, põe em risco as populações principalmente de mamíferos de médio e grande porte (COSTA et al., 2005; CHIARELLO et al., 2008).

AVILA-PIRES (1999) classificou a mastofauna de Santa Catarina como uma das menos conhecidas do Brasil, porém vários estudos vêm sendo realizados com mamíferos nos últimos anos no Estado (GRAIPEL, CHEREM e XIMENEZ, 2001; GRAIPEL et al., 2006; GOULART et al., 2009; CHEREM et al., 2011). CHEREM et al. (2004) registraram 152 espécies para Santa Catarina e apontaram 60 espécies de possível ocorrência, demonstrando a importância da continuação desses estudos. Porém, o conhecimento relativo ao grupo na região litoral sul do estado de Santa Catarina ainda é extremamente limitado.

3.3.1 Espécies Raras

Entre as espécies de mamíferos listadas como de possível ocorrência (Anexo 3) existe pouco conhecimento sobre populações no tipo de ambiente que cobre a maior parte da superfície terrestre da APA da Baleia Franca, as Restingas, sendo inadequado listar alguma espécie como rara até que estudos específicos sejam realizados.

3.3.2 Espécies Migratórias

Entre os mamíferos terrestres não são conhecidas espécies migratórias.

3.3.3 Espécies Bioindicadoras

As espécies de mamíferos presentes em áreas de Restingas são em geral subamostragens daquelas encontradas em áreas de Mata Atlântica de encosta (CERQUEIRA, FERNANDEZ e NUNES, 1990). Ainda assim, a maioria delas é sensível a alterações nos ambientes em que ocorrem. Cabe citar a presença de *Chironectes minimus* como indicador de qualidade de ambientes lóticos e ripários; *Leopardus wiedii*, *Phyllomys* sp., *Alouatta guariba* e *Sapajus nigritus* de ambientes arbóreos; *Holochilus brasiliensis* e *Scapteromys* sp. de ambientes lênticos. Já as espécies de carnívoros, em especial os felinos, apesar de não

serem, em geral, especialistas quanto ao uso de habitat, são considerados bons indicadores, uma vez que são sensíveis à presença de humanos, à fragmentação e ao isolamento, pois geralmente, necessitam de grandes áreas para sobreviver. De modo similar, a presença de espécies cinegéticas, como *Dasyus novemcinctus*, *Nasua nasua*, *Dasyprocta azarae*, *Cuniculus paca*, primatas e artiodáctilos, é um bom indicador de qualidade ambiental e de uma menor pressão de caça na região em que são encontradas.

3.3.4 Espécies Endêmicas

Não são conhecidas espécies endêmicas nos limites da APA da Baleia Franca. Porém, são registradas espécies endêmicas do Bioma da Mata Atlântica:

- Gambá-de-orelha-preta – *Didelphis aurita*;
- Bugio – *Alouatta guariba*;
- Macaco-prego – *Sapajus nigritus*;
- Esquilo - *Guerlinguetus brasiliensis*;
- Rato-do-mato - *Brucepattersonius iheringi*;
- Rato-do-mato – *Euryoryzomys russatus*;
- Rato-do-mato – *Sooretamys angouya*;
- Rato-do-mato – *Thaptomys nigrita*.

Além desses, algumas espécies dos gêneros *Monodelphis*, *Delomys*, *Juliomys*, *Oxymycterus* e *Phyllomys* são endêmicas da Mata Atlântica e pode ocorrer em áreas da APA da Baleia Franca.

3.3.5 Espécies Ameaçadas De Extinção

Entre as espécies ameaçadas de extinção, regional ou nacionalmente (CONSEMA, 2011; MMA, 2014), são distintas as condições que possivelmente as tornam ameaçadas de desaparecimento ao longo da APA da Baleia Franca. Contudo, é fundamental ter-se em conta que a existência das espécies relacionadas a seguir na área terrestre da APA da Baleia Franca necessita ser confirmada através de estudos específicos.

Chironectes minimus

- a destruição e a alteração da mata ripária,
- a poluição de ambientes lóticos,
- o assoreamento de ambientes lóticos,
- a retificação de ambientes lóticos.

Lutreolina crassicaudata

- a descaracterização dos ambientes ripários,
- o assoreamento de ambientes lênticos,
- a transformação de ambientes lênticos para a rizicultura,

- o aterramento de ambientes lânticos para o uso imobiliário,
- a presença de cachorros domésticos próximo a ambientes lânticos.

Metachirus nudicaudatus

- a fragmentação das matas de planície quaternária,
- o reduzido número de fragmentos de matas de planície quaternária,
- o pequeno tamanho dos fragmentos de matas de planície quaternária,
- o pisoteio do solo pelo gado, gerando compactação e redução de vegetação (e.g. bromélias),
- a ausência de corredores ecológicos conectando os remanescentes de matas de planície quaternária.

Diphylla ecaudata

- a fragmentação florestal,
- a caça de espécies de aves cinegéticas, como os cracídeos (e.g. aracuãs e jacuaçus) e tinamídeos (e.g. nhambus e macucos).

Micronycteris megalotis

Pouco se conhece sobre o status de conservação desta espécie em Santa Catarina, não sendo possível descrever possíveis ameaças. Neste sentido, estudos são recomendados.

Alouatta guariba

- a fragmentação florestal,
- o tamanho reduzido dos remanescentes florestais,
- a caça,
- as flutuações sazonais associadas às zoonoses (e.g., malária).

Leopardus pardalis, L. guttulus, L. wiedii, Puma yagouaroundi

- a fragmentação florestal,
- o tamanho reduzido dos remanescentes florestais,
- a caça às espécies presas,
- a perseguição associada a ataques a animais domésticos.

Em Santa Catarina *L. guttulus*, *L. wiedii* e *P. yagouaroundi* não são consideradas ameaçadas de extinção, mas sua condição de ameaçada nacionalmente faz com que impactos devam ser listados.

Pecari tajacu, Mazama americana, Mazama nana, Cuniculus paca

- a fragmentação florestal,
- o tamanho reduzido dos remanescentes florestais,
- a caça,
- a presença de cachorros domésticos.

Ctenomys minutus

- a fragmentação e a redução de ambientes com vegetação fixadora de dunas, em especial as herbáceas,
- as atividades recreativas desenvolvidas em ambientes com vegetação fixadora de dunas, em especial as herbáceas,
- as atividades de agricultura e pecuária em ambientes com vegetação fixadora de dunas, em especial as herbáceas,
- expansão imobiliária em ambientes com vegetação fixadora de dunas, em especial as herbáceas,
- as atividades de extração de matéria prima (e.g. calcário de conchas, turfa e areia) associada a ambientes com vegetação fixadora de dunas, em especial as herbáceas.

3.3.6 Espécies Cinegéticas

A caça é um dos principais fatores que contribuem para o desaparecimento de populações, em especial aquelas de maior porte, como as antas, porcos-do-mato e veados (CHIARELLO, 2000bc; GRAIPEL et al., no prelo). Na Mata Atlântica, em especial no litoral catarinense, o impacto da caça é ainda maior. Devido ao processo de isolamento e fragmentação dos remanescentes naturais, as populações da fauna já se encontram depauperadas. Além disso, por se tratarem de fragmentos, o acesso para caçadores, cachorros e gatos domésticos é facilitado e não há um fluxo de imigração para a manutenção das populações da fauna (ROBINSON, 1996 *apud* CHIARELLO, 2000b). Assim, a atividade de caça na APA pode levar ao desaparecimento local de várias espécies.

3.3.7 Espécies Exóticas

Espécies exóticas invasoras são aquelas introduzidas em áreas fora de sua distribuição original, cuja introdução e/ou dispersão ameaçam a diversidade biológica local (Convenção Internacional sobre Diversidade Biológica – CDB Decisão VI/23). Esta é a segunda maior causa de perda de diversidade, visto que estas espécies podem se alimentar de espécies nativas, multiplicam-se mais rapidamente e podem introduzir novos patógenos, competir por alimento e território e se hibridizar com as espécies nativas (BOELTER e CECHIN, 2007; ZILLER e ZALBA, 2007).

Todas as espécies de mamíferos terrestres exóticas invasoras listadas na Resolução CONSEMA 008, de 14/09/2012, podem ocorrer na APA da Baleia Franca, porém são necessários estudos para confirmar a presença das mesmas, bem como seu potencial invasor nos tipos de ambiente que compõem a UC.

As espécies exóticas que apresentam maior impacto potencial são os cães e gatos domésticos, sendo muito abundantes e criados de forma livre. Cães possuem grande poder de caça e podem impactar as populações selvagens, também são potenciais reservatórios de doenças como leishmaniose, cinomose, parvovirose, toxoplasmose, leptospirose e raiva, que podem ser letais aos mamíferos silvestres (STEINEL et al., 2001; BUTLER, DU TOIT e BINGHAM, 2004; SUZÁN e CEBALLOS, 2005). SRBEK-ARAÚJO e CHIARELLO (2008) sugerem ainda que, apesar de faltarem dados a respeito para a região do neotrópico, cães poderiam potencialmente competir com vários carnívoros.

Gatos domésticos possuem uma ampla flexibilidade e um grande potencial invasor, sendo considerada uma das cem piores espécies invasoras do planeta (LOWE et al., 2000). Seus impactos têm sido amplamente estudados e relatados, principalmente referentes às populações de aves insulares e continentais e são responsáveis pela erradicação de 41 espécies de aves da Nova Zelândia (VEITCH, 1985 *apud* AMERICAN BIRD CONSERVANCY, 2010). Além disso, gatos também competem com espécies nativas e transmitem doenças como raiva, toxoplasmose e parvovirose felina (DAUPHINÉ e COOPER, 2009).

Contudo, as espécies que possivelmente provocam mais impactos à fauna silvestre da região não são consideradas exóticas invasoras em Santa Catarina e são associadas à pecuária e ao lazer, como bovídeos e equídeos, pois exigem a transformação de grandes áreas naturais em pastagem. Além disso, bovídeos costumam utilizar os fragmentos florestais (capões de mata) para se abrigarem, provocando a compactação do solo, ou criando lodaçais, devido ao pisoteio, alterando significativamente o ambiente e sua comunidade animal silvestre.

4. Ações prioritárias para conservação

- a. Desenvolvimento de inventários faunísticos que contemplem os diferentes hábitos e habitats de espécies de vertebrados em longo prazo e que incluam amostragens sazonais é de primordial importância. Entre os mamíferos recomendam-se estudos com pequenos mamíferos, como roedores, marsupiais e quirópteros, que apresentam proporcionalmente um maior número de espécies raras ao longo da Mata Atlântica. Da mesma forma, para herpetofauna são recomendados estudos que aumentem o conhecimento da ocorrência e distribuição das espécies, sobretudo em áreas de relevância ecológica para o grupo e que sofram algum impacto ambiental;
- b. Levantamento de habitats utilizados pelas espécies migratórias para manutenção e/ou recuperação dos mesmos, garantindo às espécies as condições necessárias à continuidade dos ciclos migratórios no que se refere ao uso da área da APA;
- c. Monitoramentos das espécies bioindicadoras em função dos habitats que utilizam para verificação contínua dos níveis populacionais das mesmas, sendo necessário estudo de possíveis fatores que possam provocar flutuações nos níveis populacionais e seu controle ou correção;
- d. São necessárias medidas de gestão externas à área da APA, que incluam ações intermunicipais conjuntas, como a implantação de projetos de recuperação de áreas degradadas (incluindo aspectos físicos, como solo e hidrografia, e bióticos, como flora e vegetação), gerando conectividade entre os maiores fragmentos florestais existentes através de passadouros de fauna associados a estradas e rodovias e de corredores ecológicos. São necessárias ainda ações de fiscalização e regulamentação de uso dos ambientes naturais que minimizem os impactos relacionados às diferentes ameaças relacionadas;

- e. Para combater as ações de caça na área da APA é necessária a implantação de um plano de ação devidamente estruturado de acordo com as demandas locais. Entrevistas com moradores sobre atividades de caça e um levantamento, nos municípios, de cães utilizados para a caça deve ser considerado. Essas informações poderão subsidiar medidas de controle para a manutenção de cães por moradores da APA e também como referência nas áreas externas à UC, nos municípios que a compõem, em especial cães que sejam considerados abaixo do peso (estratégia utilizada por caçadores para estimular os cães a caçar, principalmente cães sem raça). Além disso, devem ser realizadas em médio e longo prazo atividades de educação ambiental nas comunidades de onde os caçadores são provenientes e nos municípios que compõem a APA de uma forma geral;
- f. Um estudo detalhado das espécies exóticas presentes na região deve ser posto em prática para que possa ser elaborado um plano de ação. Porém entre as ações possíveis dentro e fora da APA, recomendam-se programas de castração e vacinação em massa de cães e gatos, e atividades de educação ambiental e conscientização para manterem os animais dentro dos terrenos das residências. Para o manejo no interior da APA devem-se manter restrições quando as áreas em que os animais podem ser mantidos, por exemplo, canis, que dificulte também a entrada de animais silvestres. Em relação ao gado e equídeos recomenda-se a delimitação de propriedades com pastagens e currais, que exclua remanescentes de ambientes naturais, especialmente áreas de preservação permanente (APP), através de cercas de contenção reforçadas;
- g. Em relação à herpetofauna ameaçada, o Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Répteis e Anfíbios (RAN) do ICMBio, no âmbito do PAN Sul, encaminhou para a APA da Baleia Franca o ofício 02071.000113/2017-53, sugerindo à chefia da referida Unidade de Conservação a inclusão de ações para a proteção de *Liolaemus occipitalis*, *Melanophryniscus dorsalis* e *Tropidurus imbituba* no presente Plano de manejo da APA, quais sejam:
- Ordenação da ocupação e utilização do solo, o uso turístico e recreativo, bem como o tráfego de veículos e o estacionamento irregular nas áreas de ocorrência das espécies;
 - Manejo de espécies exóticas;
 - Recolhimento de resíduos sólidos nos ambientes de dunas móveis e fixas;
 - Apoio às pesquisas científicas na UC para continuidade da geração de informações sobre a biodiversidade local.

5. Recomendações de pesquisa

O conhecimento acerca da diversidade de espécies, o status de conservação e as formas de manejo dependem de estudos específicos não apenas de vertebrados, mas também de outros grupos faunísticos, das condições da flora e vegetação e das condições físicas em que essas espécies ocorrem. Além disso, recomenda-se a realização de estudos

sobre ecologia populacional, sobretudo das espécies raras, endêmicas e/ou ameaçadas de extinção.

Para tanto, recomendam-se parcerias com instituições que atuem na área de conservação ambiental para realização de estudos padronizados e de longo prazo, como os que podem ser conduzidos através da implantação de módulos do tipo RAPELD, de modo que a análise dos fatores que estruturam e sustentam a biodiversidade e os processos ecológicos possam ser utilizados para a conservação e o manejo dos recursos naturais. Para ser eficaz e eficiente, o delineamento de levantamentos deve ter as seguintes características (ver <http://www.rapeld-igrande.uerj.br/rapeld.pdf>):

- (1) Ser padronizado.
- (2) Permitir pesquisas integradas de todos os táxons.
- (3) Ser grande o suficiente para monitorar todos os elementos da biodiversidade e processos ecossistêmicos.
- (4) Ser modular para permitir comparações com amostragem menos intensivas feitas em áreas muito grandes.
- (5) Ser compatível com iniciativas já existentes.
- (6) Ser implementável com a mão de obra existente.
- (7) Disponibilizar dados rapidamente de uma forma utilizável para atender às demandas de profissionais envolvidos com manejo e outros interessados.

6. Referências bibliográficas

ACHAVAL, F.; OLMOS, A. 2003. Anfíbios y reptiles del Uruguay. 2a edição. Montevideo, Graphis. 136 pp.

AMERICAN BIRD CONSERVANCY, 2010. Domestic Cat predation on birds and other wildlife. Cats indoor. A campaign of American Bird Conservancy. Disponível em www.abcbirds.org, acesso em 24 de julho de 2010.

ANDREAZZI, C.S.; PIRES, A.S.; FERNANDEZ, F. A. S. 2009. Mamíferos e palmeiras neotropicais: interações em paisagens fragmentadas. *Oecologia Brasiliensis*, 13(4): 554-574

AVILA-PIRES FD. 1999. Mamíferos descritos do Estado de Santa Catarina. *Revista Brasileira de Zoologia* 16 (suplemento 2):51-62.

BEEBE, T.J.C. 1996. Ecology and conservation of Amphibians. Chapman & Hall, London.

BÉRNILS, R.S.; H.C. COSTA (org.). 2012. Répteis brasileiros: Lista de espécies. Versão 2012.2. Disponível em <http://www.sbherpetologia.org.br/>. Sociedade Brasileira de Herpetologia. Acessada em 20/08/2013.

BÉRNILS, R.S.; MOURA-LEITE, J. C.; MORATO, S. A. A. 2004. Répteis. *In*: Mikich, S. B. & Bérnils, R. S. (eds.). Livro Vermelho da Fauna Ameaçada no Estado do Paraná. Instituto Ambiental do Paraná, Curitiba, Brasil, p. 497-535.

- BOELTER, R.A. 2004. Predação de Anuros Nativos pela Rã touro (*Rana catesbeiana*: Ranidae) no Sul do Brasil. Centro de Ciências Naturais e Exatas, Santa Maria, RS, UFSM.
- BOELTER, R.A.; CECHIN, S.Z. 2007. Impacto da dieta de rã-touro (*Lithobates catesbeianus* - Anura, Ranidae) sobre a fauna nativa: estudo de caso na região de Agudo – RS – Brasil. *Natureza & Conservação*, 5(2): 45-53.
- BRUENING, S. 2002. *Rana catesbeiana*. In: Animal diversity Web. University of Michigan Museum of Zoology. Disponível em: http://www.animaldiversity.ummz.umich.edu/site/accounts/information/Rana_catesbeiana.html. Acesso em: 10/01/2011.
- BUTLER, J.R.A.; DU TOIT, J.T.; BINGHAM, J. 2004. Free-ranging dogs (*Canis familiaris*) as predators and prey in rural Zimbabwe: threats of competition and disease to large wild carnivores. *Biological Conservation*, 115: 369-378.
- CARDOSO, A.J.; ANDRADE, G.V.; HADDAD, C.F.B. 1989. Distribuição espacial em comunidades de anfíbios (Anura) no Sudeste do Brasil. *Revista Brasileira de Zoologia*, 49 (1): 241-249.
- CARNAVAL, A.C.O.Q.; PUSCHENDORF, R.; PEIXOTO, O.L.; VERDADE, V.K.; RODRIGUES, M.T. 2006. Amphibian chytrid fungus broadly distributed in the Brazilian Atlantic rain forest. *EcoHealth* 3: 41-48.
- CERQUEIRA, R.; FERNANDEZ, F. A. S.; NUNES, M. F. Q. S. 1990. Mamíferos da Restinga de Barra de Maricá. *Papéis Avulsos de Zoologia*. 37: 141 - 157.
- CHAVES, G. 1997. Mata Atlântica. Ontem, hoje e amanhã. *Germinis, Boletim informativo do Conselho Federal de Biologia*, 1:1-8.
- CHEREM, J. J.; SIMÕES-LOPES, P. C.; ALTHOFF, S.; GRAIPEL, M. E. 2004. Lista dos mamíferos do estado de Santa Catarina, sul do Brasil. *Mastozoología neotropical*, 11(2), 151-184.
- CHEREM, J. J.; GRAIPEL M. E.; TORTATO, M. A.; ALTHOFF, S.; BRÜGGEMANN, F.; MATOS, J.; VOLTOLINI, J. C.; FREITAS, R.; ILLENSEER, R.; HOFFMANN, F.; GHIZONI-JR, I. R.; BEVILACQUA, A.; REINICKE, R.; SALVADOR, C. H.; FILIPPINI, A., FURNARI, N.; ABATI, K.; MORAES, M.; MOREIRA, T.; OLIVEIRA-SANTOS, L. G. O.; KUHNEN, V., MACCARINI, T. B.; GOULART, F.; MOZERLE, H. B.; FANTACINI, F. M.; DIAS, D.; PENEDO-FERREIRA, R.; VIEIRA, B. P.; SIMÕES-LOPES, P. C. A. 2011. Mastofauna terrestre do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, Estado de Santa Catarina, sul do Brasil. *Biotemas*, 24 (3): 73-84.
- CHIARELLO, A. G. 2000a. Conservation value of a native forest fragment in a region of extensive agriculture. *Revista Brasileira de Biologia*, 60(2): 237-247.
- CHIARELLO, A. G. 2000b. Influência da caça ilegal sobre mamíferos e aves das matas de tabuleiros do norte do estado do Espírito Santo. *Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão*, 11/12: 229-247.
- CHIARELLO, A. G. 2000c. Density and population size of mammals in remnants of Brazilian Atlantic forest. *Conservation Biology*, 14 (4): 1658-1665.
- CHIARELLO, A.G.; AGUIAR, L.M.S.; MELO, F.R.; RODRIGUES, F.H.G.; SILVA, V.M. 2008. Mamíferos Ameaçados de Extinção no Brasil. Vol. II. In: MACHADO, A. B. M., DRUMMOND, G. M., PAGLIA, A. P. (Eds). Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção. MMA, Brasília.

- COLLINS, J.P.; STORFER, A. 2003. Global Amphibian Declines: sorting Hypotheses. *Diversity & Distributions*, 9: 89-98.
- COLOMBO, P.; KINDEL, A.; VINCIPROVA, G.; KRAUSE, L. 2008. Composição e ameaças à conservação dos anfíbios do Parque Estadual de Itapeva, município de Torres, Rio Grande do Sul, Brasil. *Biota Neotropica* 8(3): 229-240.
- CONSEMA RESOLUÇÃO Nº 002, DE 06 DE DEZEMBRO DE 2011. Reconhece a Lista Oficial de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção no Estado de Santa Catarina e dá outras providências. SECRETARIA DE ESTADO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO SUSTENTÁVEL – SDS.
- COSTA, L. P.; LEITE, Y. L.; MENDES, S. L.; DITCHFIELD, A. D. 2005. Conservação de Mamíferos no Brasil. *Megadiversidade*, 1 (1): 103-112.
- CUNHA, E.R.; DELARIVA, R.L. 2009. Introdução da rã-touro, *Lithobates catesbeianus* (Shaw, 1802): uma revisão. *Rev. Saúde e Biol*, 4 (2): 34-46.
- DAUPHINÉ, N.; COOPER, R. J. 2009. Impacts of free-ranging domestic cats (*Felis catus*) on birds in the United State: A review of recent research with conservation and management recommendations. *Proceedings of the Fourth International Partners in Flight Conference: Tundra to Tropics*, 205-219.
- DI-BERNARDO, M.; BORGES-MARTINS, M.; OLIVEIRA, R. B. DE. 2003. Répteis. *In*: Fontana, C. S.; Bencke, G. A.; Reis, R. E. (org.). Livro vermelho da fauna ameaçada de extinção no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- DUELLMAN, W.E.; TRUEB, L. 1986. *Biology of amphibians*. McGraw-Hill, New York.
- FAPAS (Fundo para a Proteção dos Animais Selvagens). 2001. Guia Fapas - Anfíbios e Répteis de Portugal. Porto, Portugal: INOVA, 249p.
- FREITAS, M.; SILVA, T. 2006. *Animais venenosos e peçonhentos no Brasil*. Pelotas: USEB, 154p.
- FROST, D.R. 2017. *Amphibian Species of the World: an Online Reference*. Version 6.0. Electronic Database. American Museum of Natural History, New York, USA. Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. Acesso em: agosto de 2017.
- GARAY, I; DIAS, B. 2001. *Conservação da biodiversidade em ecossistemas tropicais*. Petrópolis: Vozes, 430p.
- GHIZONI-JR, I.R.; KUNZ, T.S.; CHEREM, J.J.; BÉRNILS, R.S. 2009. Registros notáveis de répteis de áreas abertas naturais do planalto e litoral do Estado de Santa Catarina, sul do Brasil. *Biotemas* 22 (3): 129-141.
- GIOVANELLI, J. G. R.; HADDAD, C. F. B.; ALEXANDRINO, J. 2008. Predicting the potential distribution of the alien invasive American bullfrog (*Lithobates catesbeianus*) in Brazil. *Biological Invasions*, 10:585-590.
- GOLLEY, F.B.; PETRUSEWICZ, K.; RYSZKOWSKI, L. (Eds.), 1975. *Small mammals: their productivity and population dynamics*. Cambridge, Univ. Press. 451p.

GOULART, F. V.; CACERES, N.; GRAIPEL, M. E.; TORTATO, M.; GHIZONI-JR, I. R.; OLIVEIRA-SANTOS, L. G. R. 2009. Habitat selection by large mammals in a southern Brazilian Atlantic Forest. *Mammalian Biology, Germany*, 74: 182-190.

GRAIPEL, M.E.; CHEREM, J.J.; MONTEIRO FILHO, E.L.A.; CARMIGNOTTO, A.P. Mamíferos da Mata Atlântica. *In: Revisões em Zoologia: Mata Atlântica*. (Eds.) E. L. A. Monteiro Filho; C. E. Conte. Editora UFPR (No prelo).

GRAIPEL, M. E.; CHEREM, J. J.; XIMENEZ, A. 2001. Mamíferos terrestres não voadores da Ilha de Santa Catarina, sul do Brasil. *Biotemas*, 14 (2): 109-140.

GRAIPEL, M. E.; CHEREM, J. J.; MONTEIRO-FILHO, E. L. A.; GLOCK, L. 2006. Dinâmica populacional de marsupiais e roedores no Parque Municipal da Lagoa do Peri, Ilha de Santa Catarina, sul do Brasil. *Mastozoología Neotropical*, 13 (1): 31-49.

HADDAD, C.F.B.; TOLEDO, L.F.; PRADO, C.P.A. 2008. Anfíbios da Mata Atlântica: guia dos anfíbios anuros da Mata Atlântica. Editora Neotropica, São Paulo.

HEYER, R.; LANGONE, J.; LA MARCA, E.; AZEVEDO-RAMOS, C.; DI TADA, I.; BALDO, D.; LAVILLA, E.; SCOTT, N.; AQUINO, L.; HARDY, J. 2010. *Leptodactylus latrans*. The IUCN Red List of Threatened Species 2010: e.T57151A11592655. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2010-2.RLTS.T57151A11592655.en>. Downloaded on 25 September 2017.

HORUS. 2017. Análise de Risco para Espécies Exóticas de Vertebrados Terrestres: *Lithobates catesbeianus*.

<http://www.institutohorus.org.br/download/AR%20Vertebrados/AR%20Lithobates%20catesbeianus.pdf>

IUCN - International Union for Conservation of Nature and Natural Resources. 2017. The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2016.3. Disponível em <www.iucnredlist.org>. Acesso em: 10 ago 2017.

KUNZ, T.S.; GHIZONI-JR; I.R.; GIASSON, L.O.M. 2011. Novos registros de répteis para as áreas abertas naturais do planalto e do litoral sul de Santa Catarina, Brasil. *Biotemas*, 24 (3): 59-68.

KUNZ, T.S.; BORGES-MARTINS, M. 2013. A new microendemic species of *Tropidurus* (Squamata: Tropiduridae) from southern Brazil and revalidation of *Tropidurus catalanensis* Gudynas & Skuk, 1983. *Zootaxa* 3681 (4): 413–439.

KWET, A.; LINGNAU, R.; DI-BERNARDO, M. 2010. Pró Mata: Anfíbios da Serra Gaúcha, Sul do Brasil – Amphibien der Serra Gaucha, Südbrasilien – Amphibians of the Serra Gaucha, South of Brazil – Brasilien-Zentrum. 2nd. University of Tübingen, Germany, 148p.

LOWE S.; BROWNE, M.; BOUDJELAS, S.; DE POORTER, M. 2000. 100 of the world's worst invasive aliens species: A selection from the global invasive species database. The Invasive Species Specialist Group (ISSG) a specialist group of the species Survival Commission (SSC) of the World Conservation Union (IUCN), 12p. Reimpressão em 2004.

LUCAS, E. M. 2008. Diversidade e conservação de anfíbios anuros no Estado de Santa Catarina, Sul do Brasil. Tese de doutorado, USP, 202p.

MECH, L.D. 1996. A new era for carnivore conservation. *Wildlife Society Bulletin*. 24 (3): 397-401.

MMA - MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. 2014. Lista Nacional Oficial de Espécies da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção. PORTARIA N° - 444, DE 17 DE DEZEMBRO DE 2014.

PAGLIA, A.P., FONSECA, G.A.B. DA, RYLANDS, A. B., HERRMANN, G., AGUIAR, L. M. S., CHIARELLO, A. G., LEITE, Y. L. R., COSTA, L. P., SICILIANO, S., KIERULFF, M. C. M., MENDES, S. L., TAVARES, V. DA C., MITTERMEIER, R. A.; PATTON J. L. 2012. Lista Anotada dos Mamíferos do Brasil / Annotated Checklist of Brazilian Mammals. 2ª Edição / 2nd Edition. Occasional Papers in Conservation Biology, N. 6. Conservation International, Arlington, VA. 76pp.

RAMOS, A. D.; GASPARINI, J. L. 2004. Anfíbios do Goiapaba-açu, Fundão, Estado do Espírito Santo. Gráfica Santo Antônio, Vitória, ES. 75p.

REIS, A.; ZAMBONIN, R.M.; NAKAZONO, E.M. 1999. Recuperação de áreas florestais degradadas utilizando a sucessão e as interações planta-animal. Cadernos da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. Caderno n.14, p.42

REIS, N. R.; PERACCHI, A. L.; PEDRO, W. A.; LIMA, I. P. 2011. Mamíferos do Brasil. 2 ed. Londrina. 439p

RIBEIRO, M. C.; METZGER, J. P.; MARTENSEN, A. C.; PONZONI F. J.; HIROTA, M. M. 2009. The Brazilian Atlantic Forest: How much is left, and how is the remaining forest distributed? Implications for conservation. *Biological Conservation*, 142: 1141–1153.

ROCHA, C.F.D.; HATANO, F.H.; VRCIBRADIC, D.; VAN SLUYS, M. 2008. Frog species richness, composition and B-diversity in coastal Brazilian restinga habitats. *Brazilian Journal of Biology* 68 (1):109-115.

ROCHA, C.F.D.; VAN SLUYS, M.; BERGALLO, H.G.; ALVES, M.A.S. 2005. Endemic and threatened tetrapods in the restingas of the biodiversity corridors of serra do mar and of the central da Mata Atlântica in eastern Brazil. *Brazilian Journal of Biology* 65 (1):159-168.

RODRIGUEZ, J. A.; LINARES, M. J. 2001. Rana toro e sapo marino: la amenaza que viene, los controles aduaneros que se realizan em Canárias son insuficientes. *Revista de La Conserjería de Política Territorial y Medio Ambiente*, 21: 12-14.

SEGALLA, M.V.; CARAMASCHI, U.; CRUZ, C.A.G.; GRANT, T.; HADDAD, C.F.B; GARCIA, P.C.A.;BERNECK, B.V.M.; LANGONE, J. 2016. Brazilian amphibians – List of species. Disponível em: www.sbherpetologia.org.br. Acesso em: 10/09/2017.

SEMA - Secretária Estadual do Meio Ambiente. 2014. Lista Oficial de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção no Estado do Rio Grande do Sul. Atualização da Lista conforme Código Estadual do Meio Ambiente como no Decreto Estadual 41.672/2002.

SILVANO, D.L.; SEGALLA, M.V. 2005. Conservação de anfíbios no Brasil. *Megadiversidade*, Belo Horizonte, 1 (1): 79-86.

STEINEL, A.; PARRISH, C. R.; BLOOM, M. E.; TRUYEN, U. 2001. A Review: Parvovirus Infections in Wild Carnivores. *Journal of Wildlife Diseases*, 37 (3): 594-607.

STUART, S. N.; CHANSON, J. S.; COX, N. A.; YOUNG, B. E.; RODRIGUES, A. S. L.; FISCHMAN, D. L.; WALLER, R. W. 2004. Status and trends of amphibian declines and extinctions worldwide. *Science*, 306: 1783-1786.

SRBEK-ARAUJO, A.C.; CHIARELLO, A.G. 2008. Domestic dogs in Atlantic Forest reserves of south-eastern Brazil: a camera trapping study on patterns of entrance and site occupancy rates. *Brazilian Journal of Biology*, 68 (4): 771-779.

SUZÁN, G.; CEBALLOS, G. 2005. The role of feral mammals on wildlife infectious disease prevalence in two nature reserves within Mexico City limits. *Journal of Zoo and Wildlife Medicine*, 36 (3): 479-484.

UETZ, P. (Org.). 2013. The Reptile Database. Disponível em <http://www.reptile-database.org>. Acessado em 20/08/2013.

UFSC, 2013. Plano Básico do Plano de Manejo da APA da Ponta do Araçá, Município de Porto Belo, SC.116p.

ZILLER S. R.; ZALBA, S. 2007. Propostas de ação para prevenção e controle de espécies exóticas invasoras. *Natureza & Conservação*, 5 (2): 8-15.

YOUNG, B. E.; STUART, S. N.; CHANSON, J. S.; COX, N. A.; BOUCHER, T. M. 2004. Disappearing jewels: the status of new world amphibians. Arlington: Nature Serve. 53p.

ANEXO 1. Lista das espécies de anfíbios de possível ocorrência no litoral sul do estado de SC

Status ¹	Táxon	Nome comum
	GYMNOPHIONA	
	Typhlonectidae	
	<i>Chthonerpeton indistinctum</i>	minhocão
	ANURA	
	Brachycephalidae	
	<i>Ischnocnema henselii</i>	rã-das-folhagens
BR-VU, SC-VU	<i>Ischnocnema manezinho</i>	rã-do folhiço-da-ilha
	Bufonidae	
BR-VU, SC-EN	<i>Melanophryniscus dorsalis</i>	sapinho-de-barriga-vermelha
	<i>Rhinella abei</i>	sapo-cururuzinho
	<i>Rhinella icterica</i>	sapo-cururu
	Centrolenidae	
SC-VU	<i>Vitreorana uranoscopa</i>	perereca-de-vidro
	Craugastoridae	
	<i>Haddadus binotatus</i>	rã-de-dois-pontos
	Cycloramphidae	
	<i>Cycloramphus bolitoglossus</i>	sapinho-de-riacho
	Hemiphractidae	
	<i>Fritziana aff. fissilis</i>	perereca-marsupial
	Hylidae	
	<i>Aparasphenodon bokermanni</i>	perereca-de-capacete
	<i>Boana albomarginata</i>	perereca-verde
	<i>Boana bischoffi</i>	perereca
	<i>Boana faber</i>	perereca-martelo
	<i>Boana guentheri</i>	perereca-assobiadora
	<i>Boana hylax</i>	perereca-rangedora
	<i>Boana pulchella</i>	perereca-do-banhado
	<i>Dendropsophus microps</i>	pererequinha-do-brejo

Status ¹	Táxon	Nome comum
	<i>Dendropsophus minutus</i>	pererequinha-do-brejo
	<i>Dendropsophus sanborni</i>	pererequinha-do-brejo
	<i>Dendropsophus weneri</i>	pererequinha-do-brejo
	<i>Ololygon argyreornata</i>	pererequinha
	<i>Ololygon berthae</i>	perereca
	<i>Ololygon catharinae</i>	perereca
	<i>Ololygon rizibilis</i>	perereca-risadinha
	<i>Pithecopus distincta</i>	perereca-das-folhagens
	<i>Podonectes minutus</i>	rã-boiadora
	<i>Scinax fuscovarius</i>	perereca-de-banheiro
	<i>Scinax granulatus</i>	perereca-de-banheiro
	<i>Scinax imbegue</i>	perereca-do-brejo
	<i>Scinax perereca</i>	perereca-de-banheiro
	<i>Scinax squalirostris</i>	perereca-de-nariguda
	<i>Scinax tymbamirim</i>	perereca-do-brejo
	<i>Sphaenorhynchus caramaschii</i>	perereca
	<i>Trachycephalus mesophaeus</i>	perereca-grudenta
	Hylodidae	
	<i>Hylodes perplicatus</i>	rã-das-cachoeiras
	Leptodactylidae	
	<i>Adenomera araucaria</i>	rãzinha-piadeira
	<i>Adenomera engelsi</i>	rãzinha-piadeira
	<i>Leptodactylus fuscus</i>	rã-assobiadeira
	<i>Leptodactylus latrans</i>	rã-manteiga
	<i>Leptodactylus gracilis</i>	rã-assobiadeira
	<i>Physalaemus nanus</i>	rãzinha-chorona
	<i>Physalaemus biligonigerus</i>	rã-chorona
	<i>Physalaemus cuvieri</i>	rã-cachorro
	Microhylidae	
	<i>Chiasmocleis leucosticta</i>	rã-ovalada
	<i>Elachistocleis bicolor</i>	rã-ovalada

Status ¹	Táxon	Nome comum
	Odontophrynidae	
	<i>Odontophrynus maisuma</i>	sapo
	<i>Proceratophrys boiei</i>	sapo-de-chifres
	<i>Proceratophrys subguttata</i>	sapo-de-chifres
	Ranidae	
exótico	<i>Lithobates catesbeianus</i>	rã-touro

Status: ¹Categoria conforme listas nacional e estadual de fauna ameaçada de extinção (MMA, 2014 e CONSEMA, 2011).

ANEXO 2. Lista das espécies de répteis de possível ocorrência no litoral sul do estado de SC

Status ¹	Táxon	Nome comum
	TESTUDINES	
	Emydidae	
exótico*	<i>Trachemys dorbigni</i>	tigre-d`água
exótico	<i>Trachemys scripta</i>	tartaruga-de-orelhas-vermelhas
	Chelidae	
	<i>Acanthochelys spixii</i>	cágado-preto
	<i>Hydromedusa tectifera</i>	cágado-pescoço-de-cobra
	<i>Phrynops hilarii</i>	cágado-de-barbelas
SC-VU	<i>Phrynops williamsi</i>	cágado-rajado
	CROCODYLIA	
	Alligatoridae	
	<i>Caiman latirostris</i>	jacaré-do-papo-amarelo
	SQUAMATA	
	Gekkonidae	
exótico	<i>Hemidactylus mabouia</i>	lagartixa-das-casas
	Scincidae	
	<i>Aspronema dorsivittatum</i> (= <i>Mabuya dorsivittata</i>)	lagartixa-dourada
	Leiosauridae	
	<i>Enyalius iheringii</i>	iguaninha
	Liolaemidae	
BR-VU, SC-VU	<i>Liolaemus occipitalis</i>	lagartixa-das-dunas
	Tropiduridae	
	<i>Tropidurus imbituba</i>	desconhecido
	Diploglossidae	
	<i>Ophiodes fragilis</i>	cobra-de-vidro
	<i>Ophiodes</i> sp. nov. (<i>Ophiodes</i> sp.3 em Borges-Martins, 1998)	cobra-de-vidro
	Gymnophthalmidae	
	<i>Colobodactylus taunayi</i>	desconhecido
	<i>Placosoma cordylinum</i>	desconhecido

Status ¹	Táxon	Nome comum
	<i>Placosoma glabellun</i>	desconhecido
	Teiidae	
SC-EN	<i>Contomastix lacertoides</i> (= <i>Cnemidophorus lacertoides</i>)	desconhecido
	<i>Salvator merianae</i> (= <i>Tupinambis merianae</i>)	teiú
	Amphisbaenidae	
	<i>Amphisbaena darwini</i>	cobra-cega
	<i>Amphisbaena kingii</i> (= <i>Anops kingii</i>)	cobra-cega
	<i>Amphisbaena cf. munoai</i>	cobra-cega
	<i>Leposternon microcephalum</i>	cobra-cega
	Typhlopidae	
	<i>Typhlops brongersmianus</i>	cobra-cega
	Colubridae	
	<i>Chironius bicarinatus</i>	cobra-cipó
	<i>Chironius exoletus</i>	cobra-cipó
	<i>Chironius foveatus</i>	cobra-cipó
	<i>Chironius laevicollis</i>	cobra-cipó
	<i>Mastigodryas bifossatus</i>	jararacuçu-do-brejo
	<i>Spilotes pullatus</i>	caninana
	<i>Tantilla aff. melanocephala</i>	desconhecido
	Dipsadidae	
	<i>Atractus reticulatus</i>	cobra-da-terra
SC-EN	<i>Caaeteboia amarali</i>	desconhecido
SC-EN	<i>Clelia plumbea</i>	mussurana
	<i>Dipsas albifrons</i>	dormideira
	<i>Dipsas alternans</i>	dormideira
	<i>Echivanthera cyanopleura</i>	desconhecido
	<i>Elapomorphus quinquelineatus</i>	desconhecido
	<i>Erythrolamprus miliaris</i> (= <i>Liophis miliaris</i>)	cobra-d'água

Status ¹	Táxon	Nome comum
	<i>Erythrolamprus poecilogyrus sublineatus</i> (= <i>Liophis poecilogyrus sublineatus</i>)	cobra-capim
	<i>Helicops carinicaudus</i>	cobra-d`água
	<i>Helicops infrataeniatus</i>	cobra-d`água
	<i>Imantodes cenchoa</i>	desconhecido
	<i>Lygophis flavifrenatus</i> (= <i>Liophis flavifrenatus</i>)	desconhecido
	<i>Oxyrhopus clathratus</i>	falsa-coral
	<i>Oxyrhopus rhombifer</i>	falsa-coral
	<i>Phalotris lemniscatus</i>	cabeça-preta
	<i>Philodryas aestiva</i>	cobra-verde
	<i>Philodryas patagoniensis</i>	parelheira
	<i>Pseudoboa haasi</i>	mussurana
	<i>Sibynomorphus neuwiedi</i>	dormideira
	<i>Siphlophis longicaudatus</i>	desconhecido
	<i>Siphlophis pulcher</i>	desconhecido
SC-VU	<i>Sordellina punctata</i>	desconhecido
	<i>Taeniophallus affinis</i>	desconhecido
	<i>Taeniophallus bilineatus</i>	desconhecido
	<i>Taeniophallus occipitalis</i>	desconhecido
	<i>Thamnodynastes hypoconia</i>	cobra-espada
	<i>Thamnodynastes nattereri</i>	cobra-espada
	<i>Thamnodynastes strigatus</i>	cobra-espada
	<i>Tropidodryas serra</i>	jiboinha
	<i>Tropidodryas striaticeps</i>	jiboinha
	<i>Uromacerina ricardinii</i>	desconhecido
	<i>Xenodon dorbignyi</i>	nariguda
	<i>Xenodon merremii</i>	boipeva
	<i>Xenodon neuwiedii</i>	jararaquinha
	Elapidae	
	<i>Micrurus corallinus</i>	coral-verdadeira
	<i>Micrurus altirostris</i>	coral-verdadeira

Status ¹	Táxon	Nome comum
	Viperidae	
	<i>Bothrops jararaca</i>	jararaca
	<i>Bothrops jararacussu</i>	jararacuçu
	<i>Bothrops pubescens</i>	jararaca-pintada

Status: ¹Categoria conforme listas nacional e estadual de fauna ameaçada de extinção (MMA, 2014 e CONSEMA, 2011).

*A espécie foi introduzida nas restingas da Baixada do Maciambu, porém o status desta espécie no litoral sul de SC deve ser melhor avaliado, já que a distribuição natural da espécie atinge o extremo nordeste do Rio Grande do Sul, na região de Torres.

ANEXO 3 - Lista das espécies de mamíferos de possível ocorrência no litoral sul do estado de SC (exceto mamíferos aquáticos)

Status ¹	Táxon	Nome comum
	DIDELPHIMORPHIA	
	Didelphidae	
SC-VU	<i>Chironectes minimus</i>	cuíca-d'água
	<i>Cryptonanus</i> sp.	guaiquiquinha
	<i>Didelphis albiventris</i>	gambá-de-orelha-branca
	<i>Didelphis aurita</i>	gambá-de-orelha-preta
	<i>Gracilinanus microtarsus</i>	guaiquiquinha
SC-VU	<i>Lutreolina crassicaudata</i>	cuíca
SC-VU	<i>Metachirus nudicaudatus</i>	cuíca
	<i>Marmosa paraguayana</i>	cuíca
	<i>Monodelphis</i> sp.	catita
	<i>Philander frenatus</i>	cuíca
	CINGULATA	
	Dasypodidae	
	<i>Cabassous tatouay</i>	tatu-de-rabo-mole
	<i>Dasypus novemcinctus</i>	tatu-galinha
	<i>Dasypus septemcinctus</i>	tatu-mulita
	<i>Euphractus sexcinctus</i>	tatu-peludo
	PILOSA	
	Myrmecophagidae	
	<i>Tamandua tetradactyla</i>	tamanduá
	CHIROPTERA	
	Phyllostomidae	
	<i>Anoura caudifera</i>	morcego
	<i>Artibeus lituratus</i>	morcego
	<i>Carollia perspicillata</i>	morcego
	<i>Chiroderma doriae</i>	morcego
	<i>Chrotopterus auritus</i>	morcego
	<i>Desmodus rotundus</i>	morcego-vampiro
SC-EN	<i>Diphylla ecaudata</i>	morcego-vampiro

Status ¹	Táxon	Nome comum
	<i>Glossophaga soricina</i>	morcego
SC-VU	<i>Micronycteris megalotis</i>	morcego
	<i>Mimon bennettii</i>	morcego
	<i>Platyrrhinus lineatus</i>	morcego
	<i>Pygoderma bilabiatum</i>	morcego
	<i>Sturnira lilium</i>	morcego
	<i>Tonatia bidens</i>	morcego
	<i>Vampyressa pusilla</i>	morcego
	Vespertilionidae	
	<i>Dasypterus ega</i>	morcego
	<i>Eptesicus</i> sp.	morcego
	<i>Histiotus</i> sp.	morcego
	<i>Lasiurus</i> sp.	morcego
	<i>Myotis</i> sp	morcego
	Molossidae	
	<i>Cynomops abrasus</i>	morcego
	<i>Eumops</i> sp.	morcego
	<i>Molossus</i> sp.	morcego
	<i>Nyctimops</i> sp.	morcego
	<i>Tadarida brasiliensis</i>	morcego
	PRIMATES	
	Atelidae	
SC-VU	<i>Alouatta clamitans</i>	bugio
	Cebidae	
	<i>Cebus nigritus</i>	macaco, mico
	CARNIVORA	
	Canidae	
	<i>Cerdocyon thous</i>	cachorro-do-mato
	Felidae	
	<i>Herpailurus yagouaroundi</i>	jaguarundi
BR-VU; SC-EN	<i>Leopardus pardalis</i>	jaguaritica
BR-VU	<i>Leopardus tigrinus</i>	gato-do-mato-pequeno

Status ¹	Táxon	Nome comum
BR-VU	<i>Leopardus wiedii</i>	gato-maracajá
	Mustelidae	
	<i>Lontra longicaudis</i>	lontra
	<i>Eira barbara</i>	irara
	<i>Galictis cuja</i>	furão
	Procyonidae	
	<i>Nasua nasua</i>	quati
	<i>Procyon cancrivorus</i>	mão-pelada
	ARTIODACTYLA	
	Tayassuidae	
SC-VU	<i>Pecari tajacu</i>	cateto
	Cervidae	
SC-EN	<i>Mazama americana</i>	veado-pardo
	<i>Mazama gouazoubira</i>	veado-virá
	LAGOMORPHA	
	Leporidae	
exótico	<i>Lepus europaeus</i>	lebre
	<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	tapiti
	RODENTIA	
	Sciuridae	
	<i>Guerlinguetus ingrami</i>	esquilo
	Cricetidae	
	<i>Akodon</i> sp.	rato-do-mato
	<i>Brucepattersonius iheringi</i>	rato-do-mato
	<i>Delomys</i> sp.	rato-do-mato
	<i>Euryoryzomys russatus</i>	rato-do-mato
	<i>Holochilus brasiliensis</i>	rato-do-mato
	<i>Juliomys</i> sp.	rato-do-mato
	<i>Nectomys squamipes</i>	rato-do-mato
	<i>Oligoryzomys</i> sp.	rato-do-mato
	<i>Oxymycterus</i> sp.	rato-do-mato
	<i>Scapteromys</i> sp.	rato-do-banhado

Status ¹	Táxon	Nome comum
	<i>Sooretamys angouya</i>	rato-do-mato
	<i>Thaptomys nigrita</i>	rato-do-mato
	Muridae	
exótico	<i>Mus musculus</i>	camundongo-doméstico
exótico	<i>Rattus norvegicus</i>	ratazana
exótico	<i>Rattus rattus</i>	rato-preto
	Erethizontidae	
	<i>Coendou spinosus</i>	ouriço
	Caviidae	
	<i>Cavia aperea</i>	preá
	<i>Cavia magna</i>	preá
	<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	capivara
	Dasyproctidae	
	<i>Dasyprocta azarae</i>	cutia
	Cuniculidae	
SC-VU	<i>Cuniculus paca</i>	paca
	Cuniculidae	
SC-EN	<i>Ctenomys minutus</i>	tuco-tuco
	Echimyidae	
	<i>Euryzgomatomys spinosus</i>	rato-de-espinho
	<i>Phyllomys</i> sp.	
	<i>Kannabateomys amblyonyx</i>	rato-da-taquara
	Myocastoridae	
	<i>Myocastor coypus</i>	ratão-do-banhado

Status: ¹Categoria conforme listas nacional e estadual de fauna ameaçada de extinção (MMA, 2014 e CONSEMA, 2011).